

UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE *A TEMPESTADE*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

Weslaine Gomes¹

RESUMO

Nosso ensaio analisa a peça *A Tempestade*, de William Shakespeare, sob a ótica das experiências históricas, sociais, estéticas e políticas do Sul, defendendo a possibilidade de uma leitura decolonial a partir do diálogo com os autores latino-americanos – muitos do chamado grupo Modernidade/Colonialidade, constituído no final dos anos 1990 na América Latina – e com Aimé Césaire.

*

ATO I

Da crítica pós-colonial à teoria decolonial

Nas últimas décadas tem ganhado força o movimento de valorização das epistemologias do Sul em diferentes universidades do mundo. Tais epistemologias têm exercido influência em áreas diversas, como economia, ciências sociais, literatura e outras artes. No campo literário algumas obras têm sido revistas sob a ótica das experiências históricas, sociais, estéticas e políticas do Sul. Entre tais obras, a peça *A Tempestade*, de Shakespeare, tem recebido atenção de autores dos estudos pós-coloniais e autores latino-americanos.

Em nosso ensaio procuramos destacar as leituras pós-coloniais da peça e tentamos ir além, defendendo a possibilidade de uma leitura decolonial, a partir do diálogo com os autores do chamado grupo Modernidade/Colonialidade, constituído no final dos anos 1990 na América Latina.

¹ Professora, atriz, produtora e gestora cultural. Graduada em Ciências Sociais e mestra em Ciência Política, ambos pela UFMG. Especialista em Políticas Culturais de Base Comunitária pela FLACSO. Formada em Teatro também pela UFMG. E-mail: contatowesgomes@gmail.com

Como salienta Walsh (2007), no interior da categoria de análise da *colonialidade*, podemos distinguir quatro esferas que se articulam entre si: (1) *colonialidade do poder*; (2) *colonialidade do saber*, (3) *colonialidade do ser* e (4) *colonialidade da natureza*.

Ainda segundo a autora, a primeira esfera refere-se aos padrões de poder que vinculam as categorias de raça, Estado, controle e exploração do trabalho e a produção do conhecimento. A segunda esfera faz referência ao eurocentrismo como narrativa única que organiza a construção do conhecimento e de saberes, segundo uma divisão geopolítica e ontológica do mundo entre centro e periferia. A *colonialidade do ser* está relacionada à imposição de determinados seres sobre outros, baseando-se no controle de suas subjetividades, a partir dos padrões de poder coloniais. Por fim, a *colonialidade da natureza* expressa uma crítica à divisão natureza-sociedade, divisão binária que desconsidera a relação entre seres humanos, plantas e animais, bem como, entre os chamados mundos espiritual e material.

Em nosso ensaio, abordaremos a *colonialidade do poder e do ser*, buscando articulá-las com uma leitura da peça que compreende a categoria racial e os saberes produzidos como fator de distinção entre as personagens e que, considerando o contexto shakespeariano, defendemos se tratar de uma crítica do autor ao empreendimento colonial e toda violência decorrida do mesmo.

Ato II

Shakespeare: uma crítica à colonização do coração da colonização?

A vasta obra de William Shakespeare (1564-1616) tem despertado, no decorrer dos últimos quatro séculos, uma pluralidade de leituras-traduições ao redor do mundo, não diferindo no caso de *A Tempestade*. Segundo a cronologia das peças teatrais de Shakespeare, elaborada por Chambers (1982), *A Tempestade* foi escrita entre 1611 e 1612, sendo considerada a última de suas 37 peças.

O enredo dá conta da comitiva do rei de Nápoles, Alonso, também composta por seu filho, Ferdinando, seu irmão, Sebastião, seu conselheiro, Gonzalo, e pelo ilegítimo duque de Milão, Antônio. Durante a viagem dos nobres italianos, que regressavam do casamento da filha de Alonso com

o rei de Túnis, o navio sofre com uma inesperada tempestade e seus viajantes são obrigados a abandoná-lo para tentar sobreviver, e nesta tentativa encontram a ilha criada por Shakespeare. A ilha é comandada por Próspero, uma espécie de mago, que habita com sua filha, Miranda, e seus servos, Ariel e Caliban, ambos seres nativos da ilha.

A tempestade foi provocada por Ariel, um “espírito do ar”, a mando de Próspero, que almejava se vingar da comitiva dos nobres, uma vez que seu irmão, Antônio, em acordo com o rei de Nápoles, usurpou-lhe a coroa e o ducado de Milão.

Próspero e sua filha, ainda um bebê, foram expulsos de Milão e colocados em um barco, condenados a vagar pelo mar, tendo suas vidas guiadas pela sorte. Gonzalo, o velho conselheiro napolitano, se compadeceu de Próspero e sua filha e, na tentativa de ajudá-los, deu-lhes água potável, alimentos e alguns livros que Próspero, amante dos estudos, guardava em sua biblioteca e que Gonzalo sabia ser da estima do duque traído. Após dias vagando pelo mar, pai e filha se depararam com a ilha e, posteriormente, com seus habitantes, Ariel e Caliban.

Caliban é filho da bruxa Sycorax, banida de seu país, Argélia, e enviada para a ilha, já Ariel era criado de Sycorax, mas devido a sua recusa em obedecer determinadas ordens, foi aprisionado por Sycorax em uma fenda de pinheiro, até ser resgatado por Próspero. Doze anos passados da traição sofrida por Próspero, a comitiva de Nápoles e Milão segue rota próxima à ilha e dá ao ex-duque a possibilidade de vingança.

O arco dramático principal da peça desenvolve-se em torno da relação Próspero – Ariel – Caliban. Tal relação tem sido explorada de formas distintas por autores oriundos de diferentes tradições literárias, filosóficas e políticas. Como já salientamos no ato anterior, nosso diálogo ocorrerá com as leituras pós-coloniais e latino-americanas da peça, que interpretam a relação de servidão estabelecida entre Próspero e os dois nativos da ilha inseridas no discurso crítico ao empreendimento colonial britânico - e europeu - à época de Shakespeare.

Para estabelecer tal diálogo, a seguir apresentamos brevemente algumas leituras de intelectuais latino-americanos acerca da peça e de Aimé Césaire, um dos mais influentes desenvolvedores do argumento pós-colonial, como pode ser observado em *A Tempest*, sua versão de *The Tempest*, de Shakespeare.

Em sua leitura da peça, Césaire (1991) critica duramente as relações de mando e obediência entre colonizadores e colonizados. Próspero é representado como o colonizador europeu, Ariel como o escravo mulato e Caliban como o escravo negro. A peça de Césaire se passa em alguma ilha não especificada do Caribe e o enredo se mantém similar ao de Shakespeare.

Césaire procura fazer sua voz anti-colonizadora ser ouvida por meio da personagem Caliban, que em sua versão possui mais clara consciência de sua escravidão e de que Próspero roubou sua terra, cultura, linguagem e identidade. Próspero não é apresentado como o mago poderoso de Shakespeare, mas como o colonizador da ilha pertencente a Caliban. É como se Césaire tivesse colocado uma lente de aumento e denunciado o caráter violento e opressor da colonização, capaz de retirar dos sujeitos subalternizados a capacidade de autodeterminação de suas vidas. É visível a raiva no discurso de Caliban contra Próspero:

“(...) Prospero, you’re a great magician: You’re an old hand at deception. And you lied to me so much, about the world, about myself that you ended up by imposing on me an image of myself: underdeveloped... undercompetent that’s how you made me see myself! And I hate that image... and it’s false! (CÉSAIRE, 1991, p.64) ”

Caliban recusa a imagem depreciativa criada por Próspero para se referir a ele como um ser inferior, e demonstra uma atitude mais pró-ativa na construção de sua própria identidade. Uma identidade a que ele não tenha que se referir com vergonha, mas com orgulho. A mesma postura de recusa Caliban possui em relação ao seu nome, dado por Próspero:

“It’s the name given me by your hatred, and everytime it’s spoken it’s an insult (CÉSARIE, 1991, p. 15)”

Próspero, na leitura de Césaire – e também de Shakespeare, porém Césaire de modo mais intenso – se refere a Caliban sempre de forma humilhante, “beast”, “dumb animal”, em uma interpretação do olhar da civilização ocidental para a África, como um mundo bárbaro, que não possui dignidade alguma (FEI, 2007).

Essa imagem e esse nome falso construídos pelo colonizador e recusado por Caliban é o que Césaire procura descolonizar, transformando Caliban em um símbolo do nativo resistente e consciente de sua escravidão.

Ariel, espírito do ar, no que lhe concerne, recebe um tratamento melhor que o do Caliban e, embora também seja consciente de sua condição de escravo e deseje sua liberdade, ele procura conquistá-la de forma não violenta. Ariel demonstra certo comodismo na servidão a Próspero e tenta despertar a consciência do colonizador, porém, em uma relação de poder tão assimétrica, falta-lhe força. Na leitura de alguns críticos, Ariel representa os intelectuais, guardando mais semelhanças com o próprio Césaire (FEI, 2007).

A peça de Shakespeare e suas possibilidades de leituras-traduições também falam alto aos escritores latino-americanos. De modo geral, tais escritores também centraram-se na relação Próspero – Ariel – Caliban e procuraram reinterpretar certos elementos simbólicos do velho mundo europeu a partir da América Latina, no intuito de oferecer ao novo mundo um olhar renovado sobre sua própria identidade (WEINBERG, 1994). Podemos mencionar o nicaraguense Rubén Darío, o uruguaio José Enrique Rodó, o mexicano Leopoldo Zea, o argentino Aníbal Ponce e o cubano Roberto Fernández Retamar.

Em nosso diálogo com as leituras latino-americanas, discutiremos as visões de José Enrique Rodó e Roberto Fernández Retamar, por limitações de espaço, e também por considerarmos suas interpretações mais influentes ao pensamento social e político latino-americano.

O livro *Ariel*, escrito por Rodó, publicado pela primeira vez em 1900, trata-se de uma das obras fundamentais do pensamento político-social latino-americano do século XX. Rodó (1930) estabelece uma oposição entre Ariel e Caliban, e não entre Próspero e Ariel-Caliban, como o fazem outros autores. Ariel, o espírito do ar, é símbolo do espírito livre, nobre, dedicado à cultura e repudia somente os interesses voltados para a vida mundana e questões materiais. Caliban, no que lhe concerne, é símbolo do apego aos interesses materiais e da massificação e brutalização da vida. A artimanha de Rodó é associar Ariel à espiritualidade da cultura latina em oposição ao pragmatismo norte-americano, associado a Caliban. Ariel representaria uma crítica à sociedade estadunidense, baseada em uma cultura materialista, que poderia promover a canibalização do patrimônio cultural-espiritual das nações latino-americanas (WEINBERG, 1994).

Diferente de Rodó, Roberto Fernández Retamar (2004), em seu livro *Todo Caliban*, propõe uma leitura a partir da oposição Próspero – Caliban. Este último se converte na representação da relação colonial imposta na América, África e Ásia pelos conquistadores europeus, representados por Próspero.

A personagem Ariel, assim como faz Rodó, é lida como símbolo dos intelectuais latino-americanos, no conflito entre os interesses de Próspero e Caliban. Retamar enfatiza que Ariel também está na mesma ilha que Caliban e possui duas escolhas: servir a Próspero ou se rebelar contra seu senhor, unindo-se a Caliban (WEINBERG, 1994).

Ainda que haja diferenças nas interpretações dos autores mencionados neste segundo ato, todos eles possuem em comum o fato de inserirem Shakespeare no debate colonial. Podemos nos perguntar se o autor de *A tempestade* estaria participando das controvérsias de seu tempo acerca da investida britânica e europeia sobre os novos territórios descobertos e, principalmente, sobre o violento ataque aos povos originários destas terras. Certamente, as respostas encontradas concordarão com as tradições literárias e políticas dos diferentes escritores.

Neste ensaio, defendemos haver elementos presentes na peça shakespeariana que nos permitem lê-la em uma chave decolonial e continuar o diálogo com o poeta. Os elementos presentes na peça e abordados no ensaio são a ideia de raça, que na teoria decolonial surge como categoria que organiza e justifica os padrões mundiais de poder, e a noção de geopolítica do conhecimento, que critica o estabelecimento da Europa como perspectiva única de conhecimento, desconsiderando os saberes produzidos fora do centro europeu. A articulação destas duas categorias de análise com a peça em questão é o assunto do nosso próximo ato.

ATO III

Por uma Tempestade decolonial

A inserção da categoria racial no debate pós-colonial, constitutiva da esfera *colonialidade do poder*, foi uma contribuição do grupo Modernidade/Colonialidade, tendo origem mais precisamente no pensamento de Aníbal Quijano.

Outra contribuição importante do grupo foi a noção de geopolítica do conhecimento e diferença colonial, desenvolvida principalmente por Walter Mignolo, e associada à esfera *colonialidade do saber*.

Quijano (2005a) afirma que um dos eixos centrais do padrão de poder constituído pelo capitalismo colonial/ moderno/europeu é a classificação social da população mundial segundo critérios de raça. Para o autor, a classificação racial deu legitimidade à conquista dos novos territórios e à relação de dominação violentamente imposta pelos colonizadores europeus aos povos originários destes territórios. Um elemento chave, então, para se compreender a *colonialidade do poder* é a questão racial.

O autor estabelece, ainda, uma relação entre raça e o lugar nas ocupações de trabalho. Uma vez que os povos violentados pela colonização foram classificados como naturalmente inferiores, seus lugares e papéis destinados na estrutura social também foram os mais inferiores. O cenário construído nesta perspectiva do autor é de uma divisão racial do trabalho, na qual as categorias raça e divisão do trabalho foram associadas e cada vez mais mutuamente reforçando-se. É para essa relação entre classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça e as novas formas de controle e exploração do trabalho que gostaríamos de chamar atenção, pois, de nosso ponto de vista, tal relação manifesta-se em *A tempestade*, e diferencia-se das leituras pós-coloniais anteriores da peça.

Pedimos licença para uma citação mais longa de um trecho da peça, onde encontramos um raivoso diálogo entre as personagens Próspero e Caliban em torno da, entre outros temas, escravidão a que Caliban foi submetido e a noção de raça inferior defendida por Próspero:

“Caliban – Está na hora do meu jantar. Esta ilha é minha; herdei-a de Sicorax, a minha mãe. Roubaste-me; adulavas-me, quando aqui chegaste; fazias-me carícias e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam.

Naquele tempo tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril... Seja eu maldito por havê-lo feito!

Que em cima de vós caia quanto tinha de encantos Sicorax: besouros, sapos e morcegos. Eu, todos os vassallos de que dispodes, era nesse tempo meu próprio soberano. Mas agora me encheiraste nesta dura rocha e me proíbes de andar pela ilha toda.” (SHAKESPEARE, 1982, p. 43-44)

Este diálogo é revelador do contraste entre o entendimento de Caliban e Próspero a respeito de seus próprios direitos à ilha e a uma livre existência. Próspero, o europeu, italiano, ex-duque de Milão, de origem nobre, acredita-se no direito de aprisionar e escravizar Caliban, que o próprio Shakespeare não descreve segundo o sexo, gênero, idade, cor da pele, identificando-o apenas como ser nativo da ilha, e que aos olhos de Próspero, trata-se de um selvagem, pertencente a uma raça vil, inferior, que merece a escravidão.

A raça como categoria e estrutura de classificação foi também utilizada e institucionalizada para posicionar, de forma hierárquica, determinados grupos acima ou abaixo nos campos de saber (WALSH, 2007). Desta perspectiva podemos depreender que a *colonialidade do poder* está ligada à *colonialidade do saber*, nossa segunda esfera de estudo e articulação com *A Tempestade*.

A *colonialidade do saber* exprime a ideia de que há, na América Latina - e no mundo - uma subalternização de formas de se produzir conhecimento que não se enquadram no padrão científico hegemônico de origem europeia, resultando em uma perspectiva eurocêntrica de conhecimento que nega, por exemplo, o legado intelectual de povos indígenas e negros (WALSH, 2005), que também por meio da categoria de raça são reduzidos a "seres primitivos" (MIGNOLO, 2008a, 2008b; QUIJANO, 2005a, 2005b; CASTRO-GÓMEZ, 2008).

A questão da epistemologia eurocêntrica pode ser discutida em *A Tempestade*. O conhecimento de Próspero advém de seus estimados livros, trazidos de Milão, quando da sua expulsão do reino. Ao chegar a ilha e encontrar Caliban e Ariel, os poderes (conhecimento) do ex-duque de Milão mostraram-se superiores aos dos nativos, capazes de dominar a natureza de modo a utilizá-la contra Caliban, o escravo que se rebela contra a escravidão. Os conhecimentos de Caliban e Ariel são valorizados apenas na medida em que podem servir a Próspero. Caliban após ensinar a Próspero como sobreviver na ilha é escravizado sem maiores problemas. Ainda que Caliban insista que a ilha lhe pertence, herdada de sua mãe, Sycorax, a bruxa banida da Argélia, Próspero não se comove. Sycorax, inclusive, pode ser lida como a natureza, a mãe-natureza de Caliban e outros povos originários, com quem estes estabeleciam uma relação de comunhão e não de exploração material/capitalista. Ariel, ,, só consegue sua liberdade após colocar seus poderes a serviço dos planos de vingança de Próspero.

A relação estabelecida entre Próspero e Caliban – Ariel pode ser comparada à relação estabelecida entre os colonizadores europeus e os povos nativos da América, e em uma leitura atual, entre a Europa e o restante do mundo. Conforme afirma Santos (2010), a dicotomia apropriação/violência foi a que prevaleceu nos territórios coloniais, contrariamente a dicotomia regulação/emancipação aplicada às sociedades metropolitanas. Coube à população que ficou “do outro lado da linha” – apropriação/violência – lidar com as consequências da colonização, em todas as suas dimensões, racial, epistemológica, cultural.

Caliban é consciente da violência física, epistemológica, simbólica, racial, submetida por Próspero, e é só devido a este reconhecimento que obedece.

“Caliban – Forçoso é obedecer.
Sua arte é tão potente, que lhe fora possível dominar até Setebos,
o deus de minha mãe, e transformá-lo
em seu vassalo, até.” (SHAKESPEARE, 1982, p. 45)

Ao mesmo tempo em que, quando planeja a morte de Próspero para livrar-se da escravidão, sinaliza à outra personagem que primeiro é preciso destruir a fonte de conhecimento de Próspero: seus livros. Fonte esta, inacessível para Caliban.

“Caliban – (...) Mas, primeiro, é preciso que te lembres
de lhe tomar os livros, pois, sem eles,
é um palerma como eu, já não dispondo
de espírito nenhum sobre o que mande.
Todos, como eu, lhe têm ódio entranhado.” (SHAKESPEARE, 1982, p. 76)

A *Tempestade*, como procuramos mostrar, possui marcas da *colonialidade do saber*. Outra marca que podemos discutir é a marca do lugar. Conforme assinala Escobar (2005), o enfraquecimento do lugar como lócus da experiência cotidiana, devido à globalização, enfraqueceu ou invisibilizou as formas subalternas de pensar e os modelos locais de configurar o mundo, tais como os modelos de Caliban.

Por fim, outra personagem que podemos nos perguntar sobre seu papel na peça é Ariel. Afinal, quem é Ariel, em *A tempestade*? Ou, quem é Ariel hoje frente à *colonialidade do saber*?

Em nossa leitura, compreendemos que Ariel guarda semelhanças com o intelectual latino-americano, no conflito entre servir à epistemologia

soberana ou assumir a diversidade de epistemes como ponto de partida de sua produção intelectual. Nos termos de Walsh (2007, 2010) trata-se da pergunta: qual a responsabilidade dos intelectuais, de seus projetos e daqueles que com eles se aliam? Para a autora é necessário o diálogo com as formas de produção de conhecimento que se localizam fora das universidades e do cânone científico padrão. É necessário refutar os pressupostos de universalidade, neutralidade e não-lugar do conhecimento científico como único modelo possível de produção de saber, pois esses pressupostos desconsideram as experiências baseadas no lugar (ESCOBAR, 2005), desconsideram os Calibans e consideram os Arieis até o momento em que estes não se coloquem contra os padrões de poder e reclamem-lhe os recursos que lhe permitem construir a si próprios e não serem construídos pelos dominadores.

A relação entre Ariel e Próspero é provocadora, ao mesmo tempo em que Ariel vivencia a servidão, busca em seu senhor afeto e reconhecimento de seus trabalhos. Próspero, demonstra afeto por seu servo e o considera um ser delicado, oposto a Caliban.

“Ariel – Amais-me, mestre, também?
Próspero – De coração, meu delicado, Ariel.” (SHAKESPEARE, 1982, p. 85)

Podemos nos perguntar porque Ariel age dessa forma. Por não conhecer a liberdade, já que antes de servir a Próspero, servia a Sycorax? Diferente de Caliban que nasceu livre. Por temer outro castigo que o machuque novamente e preferir a servidão a Próspero? Por ser grato a Próspero por tê-lo tirado do aprisionamento realizado por Sycorax? Por não conseguir imaginar outra realidade possível fora da servidão? Outra realidade é possível para América Latina?

ATO IV

Admirável Mundo Novo!

“Miranda – Oh! Que milagre!
Que soberbas criaturas aqui vieram!
Como os homens são belos! Admirável
mundo novo que tem tais habitantes!
Próspero – Para ti isso é novo.” (SHAKESPEARE, 1982, p. 100)

A respeito das diversas possibilidades de leitura da peça, compreendemos também que a história da América passa por imaginação similar a da personagem Miranda, em diálogo com seu pai, Próspero, apresentado no início deste último ato. O diálogo ocorre quando esta vê pela primeira vez outros homens, os tripulantes do navio naufragado, e é com este diálogo que gostaríamos de encerrar nosso ensaio.

Miranda, que não conhece ou se lembra de outro mundo a não ser a ilha em que viveu, considerou novidade aqueles homens que chegaram ao seu mundo. Seu pai, entretanto, conhecedor do velho mundo, lembra que, para ela, aquilo era novo.

A similaridade está no fato de que quem chegou e colonizou o continente americano foi o homem europeu, branco, nobre, capitalista, cristão, corrupto. O velho mundo ao encontrar o novo trouxe todos os seus padrões de poder e tratou de reproduzi-los, em sua visão, para o bem da humanidade - europeia - e da população do novo mundo.

Dada a colonização e a colonialidade, não é de mau tom perguntarmos: como podemos viver nessas colonialidades? O que implica existirmos nesses padrões de poder estabelecidos a partir da raça, conhecimento, gênero, sexo, idade, natureza? Quem somos nós em *A Tempestade*? Nosso conhecimento aprisiona outras pessoas, torna-nos Prósperos? Ou nosso conhecimento liberta e contribui para a construção de um mundo mais inclusivo, diverso e questionador das colonialidades?

Muitas são as perguntas que podem ser formuladas a partir da peça e, certamente, não esgotam o rico mundo construído e imaginado por Shakespeare.

REFERÊNCIAS

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Postcoloniality for dummies: Latin American perspectives on modernity, coloniality, and the geopolitics of knowledge. In: MORAÑA, Mabel; CÉSAIRE, Aimé. **A Tempest**. New York: Library of Congress Catalogue, 1991.

DUSSEL, Henrique e JÁUEGUI, Enrique (editores). **Coloniality at large** – Latin America and the postcolonial debate. Duke University, 2008.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p.133-168.

FEI, Liang. **A Call for Freedom: Aime Cesaire's A Tempest**. Canadian Social Science. vol. 3, nº 5, 2007.

MIGNOLO, Walter. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. In: MORAÑA, Mabel; DUSSEL, Henrique e JÁUEGUI, Enrique (editores). **Coloniality at large** – Latin America and the postcolonial debate. Duke University. 2008a.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. En: **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008b.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005a. p. 227-278

QUIJANO, Aníbal. EL 'MOVIMIENTO INDÍGENA' Y LAS CUESTIONES PENDIENTES EN AMERICA LATINA. In: **Revista Tareas**, nº 119, Enero-abril. CELA, Centro de Estudios Latinoamericanos, Justo Arosemena, Panamá, R. de Panamá, 2005b, p. 31-62.

RETAMAR, Roberto fernandez. Caliban. In: **Todo Caliban**. Ed. CLACSO, 2004.

RODÓ, José Henrique. A la Juventud de America. In: **Ariel**. Ed. Cervantes, 1930.

SHAKESPEARE, William. **A Tempestade**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

WALSH, Catherine. **¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras?** Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. *Nómadas*, nº 26, 2007, p. 102-113.

WALSH, Catherine. Political epistemic insurgency social movements and the refounding of the state. In: MORAÑA, Mabel and GUSTAFSON, Bret. (Editores). **Rethinking Intellectuals in Latin America**, Iberoamericana, 2010, p 199-211.

WALSH, Catherine. Introducción: (re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, Catherine (edt). **Pensamiento Crítico y matriz (de)colonial**. Universidad Andina Simón Bolívar, Editorial Abya-Yala, Quito, 2005.

WEINBERG, Liliana. La identidad como traducción. Itinerario del Calibán en el ensayo latinoamericano. **Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, vol. 5, núm. 1, Tel Aviv, enero-junio, 1994. Disponível em <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/1225/1253>>. Acesso em 22/02/2017.